

O ENSINO DA LÍNGUA NA ENCRUZILHADA DAS NORMAS¹

Vou construir as minhas reflexões à volta de três afirmações produzidas recentemente (Julho-Agosto de 1998) na imprensa escrita brasileira. A primeira (a), colocada na boca do Presidente da Academia Brasileira de Letras («Isto é», n.º 1504, 29.7.98), Gustavo Niskier, a outra («Isto é», 1506, 12.8.98), (b), colocada na boca de quem apresenta a palavra como algo que transcende a própria comunicação, a terceira, (c), formulada por um professor (Luiz Antônio Ferreira, in: «Educação», 62, Julho 1998) de língua portuguesa e bem mais abrangente e questionadora. As afirmações são as seguintes:

- a) «Falar nossa língua corretamente é hoje um exercício patriótico»
- b) «é com a palavra que a pessoa se coloca no mundo».
- c) «O objectivo da escola é criar condições para a aprendizagem do português padrão, e como este – normalmente – não é aquele trazido pelos alunos, começam os conflitos. Na base do moderno raciocínio pedagógico ... é preciso ser poliglota em nossa própria língua. Assim o usuário precisa ser capaz de usar a língua com propriedade nas diversas situações de comunicação. À Escola, portanto, caberia a missão de propiciar o contacto do aluno com a maior variedade possível de situações de interação comunicativa, caberia ampliar a capacidade de análise e produção de textos ligados aos vários tipos de situação de enunciação... O perigo [do ensino da gramática] é ampliar um preconceito antigo de que tudo o que foge ao padrão culto é “errado”»

Assim, temos, por um lado, a afirmação “patriótica” de que a “pátria da língua” se exercita e se pratica no “falar correctamente” e, por outro lado, a afirmação “humana” de que é apenas com a palavra que o homem se posiciona no mundo e se afirma como pessoa, finalmente, a afirmação pragmática de que é

necessário encontrar a palavra certa para as diversas situações comunicativas. Isto é, o homem apenas se realiza por meio da língua, por meio da palavra, e essa língua, essa palavra deverão inscrever-se patrioticamente naquilo que é correcto. A última abordagem vai muito para além do correcto ou incorrecto, situa-se no “adequado”, assinalando que o Ensino da língua é um instrumento de integração do aluno na língua e no meio social através da interacção.

Há neste conjunto de posições dois aspectos essenciais: o primeiro aspecto é o que podemos designar como a **mapeação** da realidade através da língua, seja através do mapa lexical e do roteiro mental da nossa categorização da realidade, seja através da **carteação** dos figurinos configuradores dos nossos mitos colectivos. O segundo aspecto é já mais problemático e exige uma integração de dados bem mais complexos.

Não vou entrar em grandes discussões a respeito das distinções que Eugenio Coseriu introduziu na dicotomia “langue”-“parole” saussureana, com as distinções de tipo, sistema, norma e uso, nem nas distinções que a sociolinguística tem trazido ultimamente para o interior da linguística: apresentarei, sempre apoiado em dados autênticos, algumas reflexões à volta do tema da “norma e o ensino da língua”.

1 Mapeação da realidade por meio da língua

1.1 Mapeação lexical

A nossa experiência “corporizada” do mundo torna significativa a estrutura conceptual, interferindo quer nas categorias básicas quer nos esquemas imagéticos de compreensão do mundo². Em primeiro lugar, o homem ao colocar-se no mundo por meio da palavra, coloca o mundo “no seu canto” (PB)³, no seu lugar, reduzindo-o a categorias por força da sua

¹ Muitas das informações aqui inseridas foram testadas, na parte brasileira, junto dos Mestrados de “Linguística Portuguesa”, na UFC, durante os Seminários que aí dirigi nos meses de Julho e Agosto de 1998. Aos meus Colegas da mesma Universidade agradeço a disponibilidade para contextualizar e explicitar muitas das expressões e construções tidas como próprias da “norma” brasileira.

² Cfr. Lakoff 1887: 267

³ Usarei a sigla ‘PB’ para indicar “Português do Brasil” e ‘PE’ para indicar Português na variante europeia.

experiência perceptiva e motora, da sua experiência vivida corporalmente⁴. Com isto quero dizer que, ao ensinar-se a língua, deve prestar-se atenção em primeiro lugar aos roteiros mentais dos aprendentes. E esses roteiros mentais estão inscritos no interior das mesmas palavras. Estas têm vinculadas a si a sua própria explicação. Assim, não constitui um bom exemplo a ilustração de um verbo transitivo directo e indirecto feita, com base no verbo *dar*, no seguinte enunciado que a apresentadora do programa para a 7ª Série (Brasil) forneceu num canal da TV (no dia 13.8.98):

O Ricardo dava trabalho aos professores.

em que o verbo “dar” não ocorre no seu valor típico (ou, se preferirmos, no seu uso “prototípico”⁵), que é, evidentemente, o de “transferência de posse”, nem “trabalho” é o exemplo prototípico de objecto directo, o “objectum affectum / effectum” implicado no significado do verbo. Como não será um bom exemplo do predicativo de objecto directo o que surge no enunciado, apresentado no mesmo programa:

O Ricardo deixou a mãe triste.

em que “triste” tanto pode ter uma leitura de “atributo” como a leitura de predicativo em sentido estrito. Não bastará alinhar a exemplificação pela norma, como ainda ter em consideração os usos prototípicos das palavras que tipificam os nossos exemplos. Os verbos *dar*, *deixar*, etc., têm usos que são mais exemplares do que outros.

Todos temos a noção de que o mundo se encontra reduzido na língua a categorias e, se alguém quiser apresentar a categorização taxonómica do mundo⁶, não vai exemplificar a categoria PÁSSARO, com *pardal*, *rola*, *melro*, no Brasil, em Moçambique, ou em Macau, ou com *sabiá*, *beija-flor*, em Portugal; ou apresentar a lexicalização da categoria HERDADE com *xácara*, *sítio*, *granja* em Portugal, ou *quinta*, *quintinha*, *casa de campo* no Brasil; ou ainda a categoria ÁRVORE com *pau-brasil*, *coqueiro*, *mangueira*, em Portugal, ou *carvalho*, *castanheiro* no Brasil. E os exemplos poderiam estender-se indefinidamente.

E há mesmo coisas curiosas neste domínio: pode acontecer que a categoria representativa se situe no mesmo “denotatum”, como é o caso de “cão”, mas a palavra que instancia em primeiro lugar esse conceito é, em Portugal, *cão*, e no Brasil é *cachorro*, ou *pavimento* (de um edifício) no Brasil e *andar* em Portugal, o mesmo se dá em *parada*, *ponto* (PB) e *paragem* (PE). E os problemas não acabam aqui: possivelmente

jegue será o exemplo típico de uma parte da população do Ceará, mas não terá esse estatuto, nem em relação ao Brasil, nem mesmo em relação a uma boa parte da população do Ceará.

De qualquer modo, a primeira norma a seguir é ter-se a noção de que os roteiros mentais dos aprendentes estão já moldados e modelados pela língua, língua num espaço e num tempo concretos. As palavras instanciam conceitos já inscritos na língua e os que mais facilmente se descodificam são os que se aproximam dos exemplares típicos. Mas as taxonomias não se situam apenas nos objectos da natureza. Também nas coisas fabricadas pelo homem se verificam escolhas:

PE	PB
<i>vai-e-vem</i> (espacial):	<i>ônibus espaciais</i>
<i>tubo de escape</i> :	<i>escapamento</i>
<i>troço de estrada</i> :	<i>trecho</i>
<i>sumo</i> :	<i>suco</i>
<i>passaio</i> :	<i>calçada, calçadão</i>
<i>passadeira</i> :	<i>passagem pedestre</i>
<i>tasca</i> :	<i>botequim</i>
<i>prego</i> :	<i>churrasquinho</i> (de carne de vaca)
<i>leitor de cassetes</i> :	<i>toca-fitas</i>
<i>fato</i> :	<i>terno</i>
<i>atendedor automático</i> :	<i>secretária eletrônica,</i>
<i>bilhete</i> :	<i>ingresso</i> (ter dois bilhetes: ter dois ingressos)
<i>bilhete de identidade</i> :	<i>carteira de identidade</i>
<i>atacador</i> :	<i>cadarço</i> , etc.

A mapeação da realidade feita pela língua selecciona um ou outro aspecto: oculta determinados traços e salienta outros. Ao que em Portugal chamamos *carro descapotável*, chamam no Brasil carro *conversível*, a *direcção assistida* chamam *direcção hidráulica*, a *laço* chamam *gravata borboleta*, etc. Os aspectos categorizados pela língua têm alguma justificação: “descapotável” e “conversível” são características visíveis e são postas em saliência pela respectiva categorização, embora se silenciem outros traços na respectiva lexicalização.

Mas a mapeação feita pela língua não se situa apenas nas taxonomias. Vejamos alguns casos paradigmáticos:

PB	PE
<i>lotado</i> vs. <i>esgotado</i> / <i>cheio</i> (avião lotado / esgotado, cheio)	
<i>borrachudo</i> / <i>voador</i> vs. <i>careca</i> (relativamente a “cheque”)	

⁴ «simple structures that constantly recur in our everyday experience: CONTAINERS, PATHS, LINKS, FORCES, BALANCE, and in various orientations and relations: UP-DOWN, FRONT-BACK, PART-WHOLE, CENTER-PERIPHERY, etc.» (Lakoff 1987: 267)

⁵ Para a noção de protótipo cf. T. Givón 1986, G. Kleiber 1990, E. Rosch 1973 e 1977, J. Taylor 1989.

⁶ Devemos chamar a atenção para o facto de a categorização do mundo não ser propriamente uma simples categorização de coisas («... the large proportion of our categories are not categories of things, they are categories of abstract entities. We categorize events, actions, emotions, spatial relationships and abstract entities of an enormous range: governments, illness and entities in both scientific and folk theories, like electrons and colds. Any adequate account of human thought must provide an accurate theory for all our categories, both concrete and abstract» (Lakoff 1987: 6).

varejo vs. por atacado, por grosso vs. à peça
escanteio-canto (futebol)
checagem-verificação / confirmação
um cara-um gajo

(processo de) barganha («a busca do consenso [no Japão] a corruptas barganhas entre políticos e conglomerados» («Veja», 2.9.98) -discussão,
galera-malta
transar-fazer amor
emergentes-novos ricos
pedágio-portagem
maracutaia-falcatrua

e há uma soma de palavras próprias de cada uma das variantes. Da parte brasileira:

manjadíssimo (notícia manjadíssima), racha, comunicólogos, viúvas da seca, paquera,

da variante europeia:

palmarés [curriculum], marisco, pelouro (cada um dos ramos da administração pública), etc.

As preferências nunca são desmotivadas: optar por *demanda* em vez de *procura*, *revide* («muitos enxergaram nos comentários do presidente um revide às posições do seu antigo aliado [Chico Buarque]» («Veja», 5.8.98) em vez de *remoque*, *nenén* em vez de *bebé*, *racha* («uma aglomeração de jovens enlouquecidos, que faziam uma racha na Avenida x...» («Veja», 5.8.98) em vez de *corrida*, *fumaça* em vez de *fumarada*, *fumante* em vez de *fumador*, *maconha* em vez de *droga*, *comunicólogos* em vez de *discutidores de banalidades* (na TV), *turma* em vez de *grupo/equipa* («a turma do presidente»), *manjadíssimo* em vez de *badaladíssimo* («a causa do fim do namoro ... é manjadíssimo: a agenda carregada» («Veja», 5.8.98), *seriado* em vez de *série* («Outro seriado que segue a mesma linha, Melrose Place, também vai ser exibido no TeleUno, de segunda à sexta-feira» («O Povo», Agosto de 1998), *bula* (explicação acerca da composição e aplicação que acompanha qualquer remédio) e *literatura*, têm a sua razão de ser, seja ela de natureza histórica ou cultural.

Há por vezes palavras e expressões conhecidas nas duas línguas, mas a preferência vai por uma dada variante:

PE	PB
(em grandes) parangonas:	manchete (de jornal)
morada, direção:	endereço
montra:	vitrine
recado:	mensagem (deixar recado/mensagem)
matrícula (do carro):	placa
marcha atrás:	marcha-a-ré
marçano:	aprendiz
grelha da TV:	programação
frincha:	fresta
tomada:	ficha
fiambre:	presunto
feijão verde:	vagem
fato macaco:	macacão
factura:	nota fiscal

estore: persiana
ementa: cardápio
ecrã: tela
esaparregado: creme de legumes
cachopa: moça
cancro: câncer
gelado: sorvete
joaquinzinho: carapau pequeno
malta: turma
maquetagem: paginação (de jornal)
(lâmpada) fundida: queimada
jantarada: festança
mulher-a-dias: diarista
cimeira: reunião de cúpula
peão: pedestre
talho: açougue
receita (de um jogo): renda
rés-do-chão: andar térreo
pronto-a-vestir: roupa feita
reformado: aposentado
pensão de reforma: aposentadoria
carregar no/ o botão: apertar (o botão)
capachinho: peruca
água fresca: água gelada
frescos: afrescos
utente: usuário
tareia: surra (PE, PB)
tacão: salto (PE, PB)
serviço à lista: serviço à la carte
salsicha: lingüiça
sapateira: caranguejo (PB e PE)
retrete: privada, banheiro, toaleta
pequeno almoço: café da manhã

E há depois as palavras que já fazem parte das armadilhas da língua:

rapariga: moça
bicha: fila
pega: prostituta
camisa: camiseta
cuecas: calcinhas
calções: bermudas
penca: nariz grande, narigudo

ou os vulgaríssimos:

tomates: colhões
cu: bunda
rabiosque: nádega
rabo: bunda
pila: pinto
tesão: ponta

É evidente que há criações em que as normas se encontram, tais como, *mãe de aluguel* (*mãe de aluguer*: PE), *cópias de genes* (*clonagem*), ou empréstimos semânticos comuns, embora com frequências diferentes:

evidência: «A primeira evidência dessa mudança é o aumento das instituições independentes para o bem alheio.» («Veja», 5.8.98) «Infelizmente, surgem evidências de que esse modelo virtuoso

está longe de obter resultados tão promissores ...» («Folha de São Paulo», 23.8.98)

Os brasileirismos ou portuguesismos semânticos estão igualmente a infiltrar-se na língua portuguesa, nos vários espaços da lusofonia. O brasileirismo do verbo *arrumar*: «Você não bebe, não joga e não fuma? Já é tempo de você arrumar um vício» (Anúncio, in: «Veja», 2.9.98) brasileiríssimo no sentido de ‘procurar’, ou os portuguesismos nos verbos *arrancar* no sentido de ‘começar’, *grilar* («o carro grilou»: *bater pinos* no PB), *magoar* no sentido de ‘contundir’.

Não esqueçamos os brasileirismos *fofoca* (‘in-triga’) e *fofocar* (coscuvilhar) – que já fazem parte da língua portuguesa seja qual for a variante -, *viadagem* (‘maricas’), *frescos* (maricas), *legal*, *cafona* (piroso), ou os lusismos, *cheché* (‘gagá’), *chalado* (‘maluco’), *chavalo*, *aldrabão* (‘vigarista’), *giro* (‘legal’), *bestial* (‘excelente’), *porreiro* (‘genial’), *pastora* (‘estúpido’), *taralhoco* (‘doido’), *baril* (‘legal’), *bué/buereré* (‘muito bom’: africanismo), *piropo* (‘galanteio’), *sarilho* (‘confusão’), *paneleiro* (‘bicha’), *puto* (‘menino’, ‘adolescente’), *pildra / choldra* (‘prisão’), *pega* (‘prostituta’), *quadro* (‘executivo’), *piada* (‘anedota’), *batota* (‘trapaça’), *engatar* (‘tentar conquistar uma moça’) e *engatatao*.

Criações muito próprias do PB são também aquelas em que há a justaposição de elementos vernáculos com elementos estranhos ou adopção nua e crua da palavra importada, como acontece em *socialite* («A aprovação é da socialite carioca ...», «Veja», 5.9.98), *hora de rush*: *hora de ponta*, *durex*: *fito-cola*, *office boy*: *paquete*, *dublar*: *dobrar* (um personagem), *milkshake*: *batido*, *camelódromo*, etc.

A língua está lexicalmente “mapeada” de determinado modo e é esse “jeito” que o professor e a gramática deve propor como norma. A palavra explica-se a ela mesma, desde que a circunstância e o modo que circundam a palavra se correspondam.

1.2 Mapeação da realidade por meio de processos formativos

A formação de palavras⁷, além de revelar as preferências dos actuais falantes, mostra ainda como a língua instancia os conceitos ligados aos nossos tiques, aos nossos estereótipos, aos “tópoi” que, como lugares comuns da nossa categorização do mundo, denunciam os mitos, os medos e as esperanças que nos envolvem. As designações nas normas dentro de uma mesma língua desviam-se frequentemente. Por exemplo, os *pensos* (*adesivos*) do PE surgem no PB como *band-aids*, ou os “momentos livres, de lazer”, ao fim do dia de trabalho, são designados no PB como *happy-hours*, e o PE não tem qualquer expressão para os designar.

Ao lado dos processos lexicais já tidos como tradicionais e ligados a preferências de normas do

português do Brasil, ou do Português Europeu, há opções formativas muito próprias, tais como:

- *canadense*, *israelense* (PB) - *canadiano* e *israelita* (PE);

- *olhada* («dar uma olhada», PB) - *olhadela* («dar uma olhadela», PE),

- *virada* («na virada do século, PB), *viragem* («viragem do século», PE),

- *camioneiro* / *caminhoneiro*, *sanfoneiro*, *fichário*, *orçamentário* («Sem equilíbrio *orçamentário*, fim de gastos ‘eleitores’, ..., eleições sem voto de cabresto, não chegaremos àquele estágio alcançado pelos países mais avançados ...» («Jornal de Comércio», 21.8.98) (PB) - *camionista*, *ficheiro*, *orçamental* (PE)

- *litorâneo* («faixa / zona litorânea», PB) - *litoral* (PE), mas *neutral* (PB): *neutro* (PE)

- *natalino* («festas natalinas», PB) – *natalício* («festas natalícias», PE).

E termos como *agropecuarias*, *supermercadista*, *manobrista* (vs. *arrumadores*) são ainda exemplo de preferências do PB por certos afixos e que, portanto, constituem a sua norma.

As possibilidades que a língua disponibiliza são aproveitadas de modo diferenciado, contribuindo assim para uma norma com marcas próprias: ocorrem, no PB, os afixos *-agem* (*vendagem*, *checagem* «uma vez por ano os pilotos brasileiros fazem um vôo de checagem acompanhados de um supervisor ...» («Veja», 5.8.98) e, nas duas normas ocorre *clonagem* (clones, clonar). Por exemplo; o afixo *-mento* surge em casos onde são outras as opções no PE:

devotamento, *xingamento* (xingar), *experimentos* (os – realizados) (PB), mas indústria do *entretimento* (PB e PE); *faturamento* (PB) vs *facturação* (PE), *gerenciamento* (escolar) (PB) vs. *gestão* (PE), etc.

Temos, por outro lado, no PB, opções bem nítidas na selecção de um afixo como processo de negação do conteúdo sémico do lexema primário – DES (aliás, também presente no Português Africano):

despreparo: «o despreparo da polícia» («Isto é», 1506, 12.8.98)

despreparar: «a Escola está despreparada para trabalhar a leitura em sala de aula» («Educação», nº 207, Julho de 1998)

desinstitucionalizar: «A linguagem da imprensa escrita acompanha a lógica da televisão, que é dramática, conflitante, *desinstitucionalizadora*» («Isto é» / 1506, 12.8.98)

destratar alguém: ‘tratar mal’

descasar, *descasados*, *descasamento* («os descasamentos da classe média ...»), *despretensão*, *descreditar* (uma Universidade), *despoupança*, etc.

mas existe *decolagem* (*decolar* PB) ao lado de *descolagem* (PE). O PB mostra ainda uma alta

⁷ Para uma visão geral da “formação de palavras” cfr. M. Vilela 1994.

frequência de criações denominais ou deadjectivais em – AR e, conseqüentemente, de todos os possíveis derivados:

manear nos cremes e frituras» (‘usar com parcimônia’) (Jornais do Brasil)

revidar: «ela xingou-me e eu revidei» («Isto é», 1506, 12.8.98)

checar: «Sabemos que esta [«Isto é»] é uma revista séria, justamente por isso causou-nos estranheza o fato de não se procurar sequer checar uma informação antes de publicá-la» («Isto é», 1506, 12.8.98)

clonar (PB e PE)

plugar: *casa plugada* (‘casa inteligente’, ligada à Internet)

favelização das metrópoles

repreisar: «ele não gosta de repreisar a generosidade» («Veja», 5.8.98)

conflitar / *conflitantes* («O poder do tempo e do homem, embora conflitantes, se equivalem» («Veja», 5.8.98). «A linguagem da imprensa escrita acompanha a lógica da televisão, que é dramatúrgica, *conflitante*, desinstitucionalizadora» («Isto é», 1506, 12.8.98);

coletar: «coletadores de plantas / de dados»

mapear: «mapear a filantropia no mundo» («Veja», 5.8.98)

inocentar: inocentar uma pessoa

acessar: «acessar dados financeiros de empresas» («Veja», 2.9.98)

clicar: «clicar O. K. no computador» («Veja», 2.9.98)

embasar: «busca-se hoje fazer uma revisão dos conceitos da velha filosofia liberal dos séculos 17-18 e das práticas decorrentes desses princípios que *embasaram* a Revolução Industrial» («Jornal do Comércio», 21.8.98)

alavancar a economia

terceirização: «resultou na terceirização de muitos funcionários» («Isto é», 1506, 12.8.98)

A escolha de certos afixos como marcadores da pejoração ou majoração mostra também determinadas afirmações da norma, como:

– ISMO:

governismo das Tvês (‘favorecimento descarado’)

empreguismo: «Horácio Macedo ... praticou o mais desbragado *empreguismo* na instituição. Contratou 5.000 novos funcionários, que engordaram seu colégio eleitoral e atravancaram para sempre o orçamento dea UFRJ.» («Veja», 5.8.98)

assembleísmo: «É claro que você não pode implantar no país um *assembleísmo*, não há como promover reuniões para 5 milhões de milhões» («Veja», 12.8.98)

achismo: «É preciso adquirir autonomia [na leitura], sem cair no *achismo*» («Educação», 207, Julho de 1998)

modismo: «Opções e debates políticos no Brasil ainda costumam revestir-se de características de

modo e *modismo*. É como naquele velho dito popular: ouve-se tocar o sino, mas não se sabe onde fica a torre» («Jornal do Comércio», 21.8.98)

estrelismo: termo da “mídia” / dos “media”

– ÍCIO: empregatício: vínculo *empregatício*

– EIRO: «Sem equilíbrio orçamentário, fim de gastos *‘eleitóreiros’*, ..., eleições sem voto de cabresto, não chegaremos àquele estágio alcançado pelos países mais avançados ...» («Jornal de Comércio», 21.8.98)

– ÃO: *O charmosão, o mineirão, o estadão, o calçadão, o garotão* («Garotão nota 10. Medalha de ouro na Olimpíada Internacional de Memática»), *bolão* (Os argentinos estão batendo um bolão no cinema), *calçadão, mercadão, brasileiro* (futebol da 1.ª divisão), *o provão* (‘prova pública abrangendo todo o ensino médio’), etc.

É evidente que a tecnologia, as nossas esperanças e os nossos medos nos obrigam à recuperação de processos já bem antigos: *nanotecnologia* (‘técnica da miniaturização’), *bedoteca, brinquedoteca* («Veja», 2.9.98), *gamemaníacos* («As novidades sobre o lançamento estão na revista SuperGamePower de agosto, que vem com um adesivo que é cara aos *gamemaníacos*» («O Povo», Agosto de 1998), *aidsteria, aidético* (PE: seropositivo), *codinome* (a defesa da privacidade, com um nome de código: «O nova-iorquino Mark Abene é um nome praticamente desconhecido na Internet. Phiber Optik, seu codinome, contudo, tornou-se uma legenda na rede mundial de computadores» («Veja», 2.9.98) e «Uma múmia infantil, com boneca construída em marfim, já ganhou o codinome de “Barbie” da antigüidade» («Veja», 5.9.98), etc.

O processo formativo representa um dos meios privilegiados de “formatar” na língua a realidade, os conceitos que vamos construindo acerca do mundo. E a gramática não pode ignorar esses processos, não deve ignorar as escolhas que determinada variante do português faz ou deixa de fazer.

1. 3 Mapeação por meio de colocações e fraseologias

Como todos sabemos, as línguas estão sobrecarregadas do que designamos, genericamente, por fraseologias. O nome mais comumente usado para enfocar estes produtos lexicalizados é o de expressões idiomáticas. As palavras individuais, ao integrem estas expressões, perdem a transparência e tornam-se opacas. O significado global não é o resultado composicional das palavras individuais que integram o conjunto. Incluo também aqui, além das autênticas expressões idiomáticas, as chamadas “colocações”. Trata-se de um conjunto de factos que não pode ser ignorado pela gramática no ensino da língua, pois a norma reflecte-se de modo bem patente nesse género de factos de língua. Reporto-me a expressões da norma brasileira como:

pedir as contas a alguém: “despedir-se” (emprego) («ela pediu as conta...»)(Aragão / Soares, E. 3)
dar as contas a alguém: despedir alguém (no emprego)
estou voando: ‘não perceber nada do que se está a falar’
(*é um*) *point*: ‘(é o) máximo’

Certas expressões mostram percursos mentais evidentes e que, por vezes, são diferenciados de língua para língua:

PE	PB
estar ao corrente de:	estar sabendo
em directo: ao vivo (transmissão na TV)	
em diferido: videoteipe (TV)	
do pé para a mão: de um momento para outro	
estar à brocha, estar à rasca: estar aflito	
fazer o manguito: dar uma banana	
fazer farinha com alguém: abusar de alguém	
fazer óó: fazer nanã	
estou-me nas tintas para: estou-me cagando e andando	
terminar em águas de bacalhau: dar em nada	
ele teve a lata de ..: ter a cara de pau	
a páginas tantas / às tantas: a dada altura	
vir abaixo, avariar: quebrar (motor, rádio, etc.)	

Não vou insistir em que o fundo imagético de expressões como “estar ao corrente de”, “fazer o manguito”, “dar uma banana”, “ter lata”, são reveladores de caminhos mentais claramente diferenciados e portanto autónomos.

Também nas expressões feitas há um uso (ou abuso) diferenciado. Por exemplo, a expressão *por minha conta e risco* está a ser utilizada no Brasil em contextos distantes do uso normal no da variante europeia: ocorre a sequência «este sentido está por conta do texto»(Ingedore Vilaça Koch, no Congresso do GELNE, Fortaleza, 1998), com o valor de ‘esta interpretação do texto é autêntica / permitida’.

Na impossibilidade de percorrermos toda a fraseologia do português europeu e do português do Brasil, vamos apenas ver, a título de amostragem, algumas expressões construídas à volta de certas palavras:

dar:
«Os jovens *davam cavalo-de-pau* e passavam raspando pessoas...» («Veja», 5.8.98): ‘fazer derrapagens com o carro, fazer um pião’
dar o golpe do baú: ‘casar por interesse’(PB)
dar-lhe na veneta / na telha (PB e PE)
dar-lhe duro (PE e PB)
não dá para inventar («como está o negócio, não dá para inventar») (PB)
dar plantão em: «as empregadas dão plantão na casa de madame» («Veja», 12.8.98)
«*mas aí nem deu*» (Aragão / Soares, E. 3) (= ‘dar certo’)
«*deram uma facada nele*» (Aragão/Soares, E. 11) ou «*aí meteram facada nele*» (Aragão / Soares, E. 11)
«*sem dar uma palavra com ninguém*»(Aragão/Soares, E. 3)

«*dar uma folheada*» («Educação», 207, Julho de 1998) (PB)

dar uma apitadela (PE): fazer um tefonema
dar o badagaio a alguém (PE): ter um troço (PB)

dar sangue (PE): doar sangue (PB)

levar:

levar o fora (PE) / levar um fora (PB)
«levei um corte na praia» (Aragão / Soares, E. 10)
«levei uma queda» (Aragão / Soares, E. 9)

bancar:

«Não ter condições de *bancar* a prova, bancar a faculdade» (=‘pagar’) (PB)
«ele bancou o otário...» (Aragão / Soares, Entrevista 10)(= ‘fazer-se passar por’)

e há depois uma série de verbos que apontam para complementos muito específicos, tais como:

surtir: surtir efeito (colocação específica) (PB e PE)
curtir: «já a querer curtir a vida» (Aragão / Soares, E. 3) (PB)

ganhar nenén: «quando eu ia ganhar nenén» (Aragão / Soares, E. 3) (PB)

tomar: «Leila Guimarães tomou um susto ao ser chamada aos bastidores pelo sistema de alto-falante» («Veja», 12.8.98) (PB)

fazer: «vamos fazer uma vaquinha» (Aragão / Soares, Entrevista 10) (também PE)

Também muitos nomes são ponto de atracção de colocações muito próprias, como:

bola:

pisar na bola (‘dar barraca, armar barraco’) (PB)
o bate-bola entre duas pessoas (‘discussão’) (PB)
«não bater bem da bola» (PB e PE)
«estar com a bola toda» («Isto é», 22.7.98)

carne:

estar por cima da carne seca: “estar bem na vida” (PB)

barraco:

armar /fazer o barraco: ‘fazer uma confusão’ (PE: *dar barraca*)

sítio / canto:

colocar no sítio certo (PE.) vs.colocar no canto certo (PB)

quadro / quadra:

«Na véspera do leilão, contudo, o quadro começou a mudar» («Veja», 12.8.98)
«Ele pertence ao quadro da empresa»
«Ele entrou no quadro muito cedo»
«Ele entrou na quadra no segundo tempo» (PB) (equipa, PE)
«Na segunda quadra, volte à direita» (PB) (quarteirão, PE)

papo:

ele tem um papo legal

«os bons do papo» (=‘capacidade de criar bordões / slogans’: «Veja», 12.8.98)

bater um papo (Aragão / Soares, E. 3)

Uma série de termos como *maracutaia* (*ocorreram maracutaias*: negócios “enrolados”, feitos às escondidas), *caixinha* (‘gorgeta’), *manobrista* (‘arrumadores’), *paquera*, *paquerar* / *azarar* (‘flirt’, ‘flirtar’), que indicam alguns dos nossos “topoi” actuais são diferentes nas respectivas normas. Há outros termos que põem em relevo determinadas marcas do nosso tempo em relação a outros tempos, com os mesmos ou diferentes termos, como é a discussão à volta das designações *babá* / *criada* / *empregada* / *trabalhadores domésticos* / *clones de escravas* / *secretárias do lar* / *diarista*:

«Muita gente ainda está acostumada a ver as empregadas como clones de escravas», «Tudo está mudando, deixam de ser criadas para se transformar em trabalhadoras» («Veja», 12.8.98)

«Empregada doméstica desde os 11 anos, Teresinha ganhou fama recente, quando seu patrão desde 1978, o presidente Fernando Henrique Cardoso, usou o exemplo de “secretária doméstica”, como muitas preferem ser chamadas» («Veja», 12.8.98)

«Gastar dinheiro com a *diarista*»

Nota-se na norma brasileira, por um lado, a conservação de certos segmentos de língua que já não ocorrem no PE, como, por exemplo, a expressão «trecho em obras» usada no PB para indicar um espaço de uma rua em reparação. Por outro lado, há o recuo no uso de certas expressões com verbo “suporte” em favor do verbo simples, como, por exemplo, *ajoelhar* substitui por completo *pôr-se de joelhos*, a expressão mais frequente no PE.

No domínio das expressões idiomáticas, fraseologias, colocações, há ainda que referir a importância dos “topoi”, os provérbios, os lugares do poiso argumentativo. Passar por alto este domínio da língua é ignorar algo de muito importante na nossa linguajar quotidiano. Se na fala quotidiana encontramos usos desse fundo cultural e linguístico, também nos “mídia” / “mídia” encontramos exemplos de uso de ditos populares como apoio e ilustração das afirmações mais diversas:

«Opções e debates políticos no Brasil ainda costumam revestir-se de características de modo e modismo. É como naquele velho dito popular: *ouve-se tocar o sino, mas não se sabe onde fica a torre*» («Jornal do Comércio», 21.8.98)

«*fora maior o dia e maior seria a romaria*» (PE).

É evidente que não vamos incluir aqui o mundo das anedotas que os brasileiros arrolam à volta do “portuga” ou das que os portugueses criam em redor dos seus “brasucas”: estes pormenores estarão para além de qualquer norma.

1.4 Mapeação da realidade por meio de metáforas

Nos manuais de gramática não se tem dado o lugar devido a um dos fenómenos marcantes nas línguas naturais: a presença do que é designado genericamente como a linguagem figurada⁸. Vamos apenas registar algumas das ocorrências nos produtos linguísticos detectados em textos actuais de grande circulação, ou no “corpus” oral do Ceará, ou de algumas revistas brasileiras do mês de Julho / Agosto de 98. As metáforas tomam com veículo um determinado roteiro imagético, em que a (nova) configuração linguística acolhe e recolhe iluminações novas, salientando determinados pontos e ocultando outros⁹. Assim, os abstractos tornam-se concretos, entidades manipuláveis e visíveis – as chamadas metáforas ontológicas –, sujeitas a guerras e a violências, entidades inseridas dentro de um “contentor”, com um “dentro” e um “fora”, colocadas no espaço, com um lado superior e um lado inferior, etc.

Neste tratamento, faremos o seguinte percurso: áreas em que se situam as metáforas, como o “corpo / organismo humano”, a “casa”, a “guerra / violência”, o “desporto”, ou as chamadas metáforas do “contentor”, as metáforas “ontológicas” propriamente ditas e as “espaciais”¹⁰. Trata-se de metáforas¹¹ detectáveis na leitura de revistas e jornais, na observação de “noticiários” de televisão e que, como falante vindo de uma outra norma, me chamaram de imediato a atenção.

Metáforas em que o veículo é o **corpo / organismo humano / animal**¹²:

⁸ É volumosa, actualmente, a bibliografia sobre a “linguagem figurada”. Apenas indico alguns autores que me têm servido de apoio nos últimos tratamentos deste tema: C. Cacciari / Glucksberg 1994, R. Gibbs 1994, T. Givón 1986, J. Hintikka 1994, G. Lakoff / M. Johnson 1980, E. Pontes 1990, M. Vilela 1996.

⁹ É a dinâmica da sociedade que força a língua expandir-se, a “figurar-se” («Extensions of prototype occur for the same reasons that they do with lexical items: because of our proclivity for interpreting the new or less familiar with reference to what is already well established; and from the pressure of adapting a limited inventory of conventional units to the unending ever-varyin parade of situations requiring linguistic expressions» (R. Langacker 1991: 295)

¹⁰ Para a definição de metáfora do “contentor”, metáfora “ontológica”, “espacial”, cfr. Lakoff / Johnson 1980.

¹¹ Embora tenhamos presente que metáfora e metonímia são fenómenos diferentes – a transferência [mapping] metafórica envolve dois domínios, o domínio origem e o domínio alvo, apoiando-se o processo de substituição numa relação de similaridade parcial, a transferência metonímica labora dentro do mesmo domínio através da relação de contiguidade (a relação de “estar por”) – procedemos aqui como se a “figuração” se processasse por força da metáfora em sentido amplo, abrangendo portanto as duas estratégias (cfr. Lakoff 1987: 288 e s.).

¹² Chamamos a atenção para o facto de o corpo humano e as experiências que nele se situam ou dele derivam determinarem os sistemas conceptuais, o pensamento e, portanto, a categorização linguística («Thought is embodied, that is, the structures used to put together our conceptual systems grow out of bodily experience and make sense in terms of it; moreover, the core of our conceptual systems is directly grounded in perception, body movement and experience of a physical and social character» (Lakoff 1987: xiv).

cara: «ele quer alterar a cara do seu governo fazendo uma mudança ministerial» («Isto é», 1506, 12.8.98)

cotovelo: «Tem alguma coisa para **a dor de cotovelo?**» («Isto é», 1506, 12. 8. 98)

mão: «Não abrir mão de suas reivindicações ...» («Veja», 12.8.98)

boca: «ela mastiga muito a matéria prá gente entender» (Aragão / Soares, Entrevista 12)

sofrer: «Esse dinheiro nunca ... sofre aumentos» (Aragão / Soares, E. 3)

engordar: «Horácio Macedo ... praticou o mais desbragado empreguismo na instituição. Contratou 5.000 novos funcionários, que engordaram seu colégio eleitoral e atravancaram para sempre o orçamento dea UFRJ.» («Veja», 5.8.98):

pular: «o número de incêndios pulou para um número muito elevado»

clone: «Anthony Garotinho é clone do Brizola» («Isto é»/ 1506, 12.8.97)

vacas magras: os tempos são de vacas magras
meter pé: «aí ele [ladrao] metia pé na carreira...» (Aragão / Soares, E. 9)

vivo: dinheiro vivo («Além de dinheiro vivo, há outras maneiras de levar valores para o exterior» («Veja», 2.9.98)

aquecer: «A estratégia do turismo de eventos para aquecer o ano inteiro» («Inside», Junho 98)

salto: «o país acabou de dar um salto para trás»

a casa:

porta dos fundos: resta-lhe entrar porta dos fundos (= 'por vias travessas', 'porta do cavalo')

lavagem de roupa suja: «nesta lavagem de roupa suja entre comerciantes ...»

espinafrear: «ela foi espinafreada pela crítica» («Veja», 5.8.98)

varrer para baixo do tapete: «as decisões varridas para baixo do tapete pode custar caro...» («Isto é», 1506, 12.8.98)

a guerra / violência:

minar a confiança

guerra contra a balança (para emagrecer)

detonar: «isso detonou a crise» («Veja», 5.8.98).

«Moscou detona uma nova crise mundial com calote de 32 bilhões de dólares» («Veja», 2.9.98)

conflito: *conflitantes* («O poder do tempo e do homem, embora conflitantes, se equivalem» («Veja», 5.8.98)

o desporto / código de condução

pisar na bola: «ele admite que pisou na bola» (fez besteira) («Tribuna da Bahia», 25.8.98)

pesos pesados: «Fernando Henrique ouviu os

pesos pesados da economia, tomou-lhes o pulso» («Veja», 12.8.98)

garfar: «garfar o futebol cearense» (Aragão / Soares, E. 10) ('prejudicar', 'roubar')

viver na contramão: «No mundo muçulmano, onde a regra é impor às mulheres severos códigos de conduta, a Turquia vive na contramão.» («Veja», 5.8.98)

de vento em popa: «As exportações de carros vão de vento em popa...» («Veja», 12.8.98)

barqueiro/pastor: «De pastores passaremos a barqueiros. ... O professor barqueiro ajuda na travessia, orienta nesse dilúvio de informações, no mar do conhecimento. Na companhia de seus alunos, vai questionar com quantos gigabytes se faz uma jangada, um barco que veleje nesse informar», como canta Gilberto Gil, na música Pela Internet» («Educação», nº 207, Julho de 1998)

São muito frequentes as metáforas conhecidas como a metáfora do "contentor", as metáforas ontológicas, as espaciais, etc. Assim, e apenas apresentamos alguns exemplos da metáfora do **contentor**¹³ e em que essa metáfora é levada a expansões recuperando constantemente o "veículo":

pacote /embrulho / embrulhada: «O ministro Pedro Marlan ... disse... que ... virá um novo *pacote fiscal*. Não deu detalhes - se seria um simples *embrulho*, um *pacotinho*, ou um *pacotaço*» («Tribuna da Bahia», 25.8.98)

«Quando vi *a embrulhada* em que se meteu o Presidente dos Estados Unidos, ...» («Jornal do Comércio», 21.8.98)

sair dos seus cuidados/sair pela tangente: «Não foi à toa, portanto, que o presidente Fernando Henrique Cardoso saiu dos seus cuidados para desmentir o seu auxiliar» («Tribuna da Bahia», 25.8.98). «Assediadíssimo especialmente pela clientela feminina, ele sai pela tangente: "Digo que tenho namorada e tenho mais uma amiga» («Isto é», 1506, 12.8.98)

sair de: «Afinal de contas, saímos de uma inflação ...» («Veja», 12.8.98)

desengavetar: «desengavetar um velho projeto» («Isto é», 1506, 12.8.98)

emergente: os países emergentes, os emergentes, a classe emergente

caixa aberta / caixa fechada: «O computador é uma caixa aberta, enquanto a TV é uma caixa fechada» («Inside», Junho 1998)

dentro do figurino: «a campanha [eleitoral no Brasil]vai começar como sempre; quer tudo como manda o figurino»

metáforas "ontológicas"¹⁴:

passo: «*segurar o passo*» (Aragão / Soares, E. 10)

¹³ A base experiencial para a metáfora do "contentor" é o próprio corpo humano em se baseia a fronteira para estabelecer um "dentro" e um "fora" (cfr. M. Johnson 1987 e M. Vilela 1996: 317-356).

¹⁴ A função da metáfora ontológica é a de se fazer compreender as experiências abstractas em termos de objectos e substâncias, tornando-as deste modo tangíveis e manipuláveis.

barra: «ela tá enfrentando essa barra» (Aragão / Soares, E. 9)

ouvir todos os lados da questão / do problema

fila: «aquele povo querendo cortar a fila» (‘furar’: Aragão / Soares, E. 3)

salário: «... se congelar salário...» (Aragão / Soares, Entrevista 12)

projecto: «desengavetar um velho projeto» («Isto é», 1506, 12.8.98):

máquina: «ele quer modernizar a máquina governamental» («Isto é», 1506, 12.8.98)

script: «Ele seguia um script pré-determinado, repetitivo e obsessivo. Via uma morena, de cabelo encaracolado, matava» («Isto é», 1506, 12.8.98) (A propósito do maníaco do parque)

matéria: «Ele [jornalista], ..., partiu para fazer uma matéria para o Globo Repórter» («Veja», 12.8.98)

líquido: «a sua reeleição é tida como líquida» («Isto é?», 1506, 12.8.98)

preta: «a coisa tá preta» [situação política] (Jornais)

desfrutar: «Pode-se desfrutar desde os quadros até ...» («Isto é», 1506, 12.8.98)

enxuto: empresa enxuta, pessoa enxuta («As abordagens sobre a reforma do Estado, estado enxuto ou saturado de gordura, ...» («Jornal do Comércio», 21.8.98)

fundo: «os fundos de pensão»

esborrachar-se: «a notícia esborrachou-se contra a inverdade» [Jornais]

manjadíssima: «a causa do fim do namoro ... é manjadíssimo: a agenda carregada» («Veja», 5.8.98)

varejo: «compras por atacado ou por varejo»

passado: «Não tenho medo do futuro: o que eu quero é cancelar o passado» (TV)

filantropia: «mapear a filantropia no mundo» («Veja», 5.8.98)

doença-arrastão: ‘indústria do entretenimento’ («Veja», 5.8.98)

economia: «alavancar a economia»

pastorar: «estar pastorando o carro» (‘vigiar’)

mercado verde: «Por enquanto o Ibope está avaliando o mercado – que ainda está verde, diz Montenegro» («Inside», Junho 1998)

record: «quebrar o record» / «estar quebrado» (‘estar liso’)

sair da inflação: «Afinal de contas, saímos de uma inflação ...» («Veja», 12.8.98)

metáforas “**espaciais**”:

azeitar estratégia: «a bem azeitada estratégia de marketing» [campanha eleitoral de FHC] («Veja», 5.8.95)

trilhas sonoras

cobrir: «um valor que deveria cobrir os custos da publicação»

margem: «superar por larga margem os números previstos»

baixaria: «A baixaria coloca em xeque um empresário ...» («Isto é», 1506, 12.8.98)

colateral: efeitos colaterais

mergulhar: «ele vai mergulhar nas raízes brasileiras» («Isto é», 1506, 12.8.98)

flagrar: «o satélite flagrou num só dia um grande número de incêndios» («Veja», 5.8.98)

sem fundo: cheques sem fundo (PB e PE), *borrachudo*, *voador*, *careca*

plugada: casa plugada (casa inteligente, ligada)

longe de mim pensar que ..., «Brasil muito além da notícia» («Inside», Junho 1998)

rezoneamento: «metade dos eleitores ignora o rezoneamento» («A Tarde», 24.8.98)

enxuto / gordo: «As abordagens sobre a reforma do Estado, estado enxuto ou saturado de gordura, ...» («Jornal do Comércio», 21.8.98)

embasar: «busca-se hoje fazer uma revisão dos conceitos da velha filosofia liberal dos séculos 17-18 e das práticas decorrentes desses princípios que embasaram a Revolução Industrial» («Jornal do Comércio», 21.8.98)

(voto de) cabresto: «Sem equilíbrio orçamentário, fim de gastos ‘eleitoreiros’, ..., eleições sem voto de cabresto, não chegaremos àquele estágio alcançado pelos países mais avançados ...» («Jornal de Comércio», 21.8.98)

«viúvas da seca»: as mulheres que ficavam com os filhos “os maridos partiam para as metrópoles

Uma vez que uma boa parte da literatura (escrita e oral) consumida no nosso dia a dia é constituída por esta “linguagem figurada”, não será de pedir à gramática que deixe de remeter para as “literaturas” o ensino e a explicação deste género de linguagem? E a “norma” situa-se também neste domínio: cada variante selecciona os seus veículos, tem as suas “figuras”, os seus roteiros, os seus figurinos para a construção dos seus percurso imagéticos.

2 Elementos de fonética, morfologia e sintaxe

Vamos tentar encontrar alguns traços da norma brasileira – ou ausência de norma - relativamente à forma de adopção de estrangeirismos e a adaptação fonético-gráfica e morfológica à língua portuguesa. Referiremos ainda alguns elementos divergentes na flexão e mesmo na sintaxe.

2.1 Estrangeirismos

A adopção pura e simples de termos estrangeiros, sobretudo americanismos, é um dos traços marcantes da norma brasileira, aliás também presente no PE, mas menos saliente. Eis alguns exemplos do PB:

delivery: «Negócios com *delivery* [entrega] crescem em SP»,

software [programa], *upgrade* [expansão], *e-mail* [correio electrónico], *delete /deletar*, *plug-plugar* [ligar], *call center*, *meeting*, *sales manager* [gerente de vendas], *workshop* [seminário], *briefing* [resumo], *board* [conselho empresarial], *budget* [orçamento],

chairman [presidente de uma empresa], *cash flow* [fluxo de caixa], *check-out* [conferência final], *personal trainers*, *showroom*, *car wash* (espaço para lavar carro), *baby house* (berçário), *double safe* (entrada com dois portões), *grill area* (churrasqueira), *kids place* (parque infantil), *playground* (área de recreio), *studio* (quarto reversível), *utility space* (espaço multiuso), *casual Friday* (moda da sexta-feira desengavata: informal), *happy-hours*, «bug do milênio» («Veja», 2.9.98). Expressões mais amplas que atingem já sintaxe: ser *in*, *farei o meu melhor* (=I'll do my best), *fiz o meu melhor* (=I've done my best)¹⁵.

Há assim grande disponibilidade para aceitar palavras estranhas, como (uma) *homepage*, (as) *webcams* (câmaras de vídeo digital que transmitem imagens pela Internet), ou combinações novas, segundo modelos também novos, ou segundo modelos já consagrados, como *gamemaniaco*, *camelódromo*, *sambódromo*, etc.

2.2 Grafia de estrangeirismos

Se por um lado há, no PB, a adoção do termo estrangeiro e a sua adaptação à grafia da língua portuguesa, como:

esnobe, *estandes*, *estoque*, *estressante*, *boate*, *toalete*, *souvenir*, *comitê*, *turnê*, *maiô* (e *maiozinho*), *drinque*, *contêineres* («o porto de Bremerhaven, na Alemanha, movimenta uma quantidade de contêneres superior a todos os portos brasileiros juntos» («Folha de São Paulo», 28.8.98), *caubói*, *Vietnã*, *Amsterdã*, *sutiã*, *flerte*, *fleitar*, *blefe*, *blefar* («Você acha que é blefe, num é?»), «querer blefar» (Aragão / Soares, E.10), *avionês* («aviation lingo»), *plugar* (casa plugada), *breacar* e *breque* (travar e travão).

por outro lado, há a conservação da grafia e da fonética original:

trade («A aposta unânime do trade parece ser mesmo no turismo de ventos» («Inside», Junho 98), *marketing*, *shows*, *megashow*, *garçon*, *garçonette*, *country*, (físico de) *skatista*, *happy-hours*, *gamemaniaco*, *band-aid*.

Há ainda uma mestiçagem: mantêm-se certos traços do estrangeirismo e marcas do português, como acontece em *marketeiro* («o marketeiro da campanha eleitoral»), etc.

Tanto a norma europeia como a brasileira têm critérios díspares na grafia e na fonética, quer atendo-nos aos termos nas duas variantes, quer comparando os termos dentro de cada variante, qualquer escrevente ou aprendente da língua terá muita dificuldade em saber qual é a norma. Uma vez que apre-

sentei exemplos da norma gráfica e fonética do PB, será que existe alguma norma visível? Como será possível ensinar a grafia, numa gramática, com esta disparidade de critérios?

2.3 Outras divergências entre as normas

A divergência das diversas normas pode situar-se em vários domínios. Por exemplo, na escolha das variantes lexicais possíveis¹⁶:

triglicérides- triglicerídeos, planejar- planejar, aterrissar- aterrissar, decolar- decolar, conexão- ligação, ônibus- autocarro, gol- golo, gramado- relva, zagueiro- defesa, guarda- redes - goleiro, escanteiro- canto, parada/ ponto- paragem, etc.

Essas divergências podem ainda situar-se em certos pontos muito específicos, como a pluralização:

- «entrar pela porta dos fundos», «resta-lhe entrar pela porta dos fundos» (PB)
- «ao fim das contas» (PB)
- «ser chamado às pressas», «O Telemar, ..., foi formado às pressas, a partir de um grupo de empresas ..» («Veja», 12.8.98).

No género / número:

mídia: «César Maia ganhou destaque na mídia como prefeito do Rio por causa de atitudes extravagantes» (Isto é / 1506, 12.8.98), com valor singular e plural, ao contrário do que acontece no PE («os *mass-media* / os *media*»

videocassete: «o videocassete» (Veja, 2.9.98)

disquete: «o disquete»

Verificam-se ainda algumas divergências na escolha do modelo flexional: as preferências do PE, nos verbos em -IAR, vão pela realização em -*io*, no PB, pela realização em -*io*:

- negoçoio, negoçoiam, premeio, premeiam (PE)
- negocio, negociam, premio, premiam (PB)

Nos verbos em -UAR as divergências são mais fundas:

- adéquo, adéquam, averíguo, averíguam (PB) e
- adequo, adequam, averiguo, averiguam (PE).

Uma nota saliente no PB é a supressão e aligeiramento de muitas expressões:

- supressão de preposição: «você torce Ceará»: (Aragão / Soares, Entrevista 10), puxar a mãe / o pai («ela puxou a minha mãe» (Socorro, E. 3), «assistir aula» (Aragão / Soares, 27), agradar / desagradar alguém / os fregueses
- supressão do artigo: «toda hora você vai inventar uma razão para ...», «toda hora você vai inventar razões para... » puxar a mãe / o pai («ela puxou a minha mãe» (Aragão / Soares, E. 3)
- supressão de outros elementos:

¹⁵ Alguns destes exemplos foram extraídos de: «Educação», 207, Julho de 1998.

¹⁶ A ordem é: PB-PE.

«Até [há] pouco tempo atrás os homens deixavam a encomenda de cosméticos a cargo da companheira ...» («Veja», 12.8.98),

«a notícia repercutiu no mundo inteiro» [repercutiu-se],

galera [galeria], negada (Ceará [negrada])

- supressão sistemática de elementos (ao telefone)¹⁷: «*Quem deseja?*» (= Quem deseja falar com ela/ele?), «*Quem gostaria?*» (= Quem gostaria de falar com ele / com ela?)» (Cfr. «Veja», 2.9.98, pg. 154)

- supressão de sílabas: «Curso de *quadrinhos*.

Se você é da turma que curte *quadrinhos*, se ligue nessa: O Graphite, estúdio de quadrinhos genuinamente cearense, inicia amanhã, dia 17, curso sobre o assunto», («O Povo», 16.8.98), «*filme pornô*», *xérox* (=xerocópia).

2. 4 Concentração dos verbos genéricos no PB

Os verbos genéricos como *ter*, *haver*, *fazer*, *pôr*, e os verbos genéricos de cariz popular, como *botar*, *pegar*, no seu uso quotidiano, aproximam-se semicamente entre si, podendo substituir-se sem mais aquelas. O verbo *ter* e *fazer* ocupam assim o espaço de *haver*. Vejamos apenas o caso de **ter**:

«tem gente que quer ter um carro importado»

«Tem esportes, tem cinema, tem jornalismo, tem documentários, tem per-view, tem mais na outra página, tem diversão, tem variedade, tem inteligência, tem o que ninguém mais tem: tem a qualidade Globosat. Só os canais Globosat têm o que os Canais Globosat têm. E quem não tem tem que ter» (Publicidade a Globosat)

«aqui no colégio tem a merenda do governo? ... tem não, de primeiro tinha» (Aragão / Soares, 17)

«Sempre não tem festa não, lá na sua igreja? – Tem festa quando é dia de aniversário ...» (Aragão / Soares 96, 19)

«A Iraci tem uma mão para máquina» (Aragão / Soares, 1996, 3)

«ter grana»

etc.

O verbo *fazer* recobre muitos dos usos de 'haver':

«faz menos de um século que as pessoas começaram a tirar o pé do chão para voar em aviões...» («Veja», 5.8.98)

Os verbos *pegar*, *botar*, *virar* alargam o âmbito de seu uso, ocupando o espaço de outros verbos mesmo na norma culta:

pegar:

pegar dois meses de suspensão (PB, 'apanhar')
«eu peguei os quatro anos» (Aragão / Soares, Entrevista 12)

«(o pé) pegou cinco ponto» (Aragão / Soares, Entrevista 10)

pegar no carro (PB e PE)

o carro não *pegou* (PB e PE)

pegar passageiros: «Taxistas autônomos são impedidos de *pegar* passageiros que desembarquem [em Brasília] dos aviões» («Veja», 12.8.98)

botar:

botar remédio na comida ('pôr, colocar')

botar dentadura

bota aqui a tua mão

«**botar defeito**» (Aragão / Soares, E. 10)¹⁸

virar:

«**vira-te!**», «**ele que se vire!**» ('arranje', 'resolva o problema') (PB)

«**ele virou artista**», «**isso virou realidade**» ('**transformar-se**') (PB)

virada: «Com menos de dois meses para provocar *uma virada* na campanha presidencial, o candidato do PT fala do governo FHC e do país» («Veja», 12.8.98) ('mudança total')

vencer de virada: «Vitória vence de *virada* o América e pega Juventude» («Correio da Bahia», 24.8.98)

2. 5 Mudanças de "regências"

Estão a definir-se algumas divergências na regência verbal, adjectival e nominal. Não vou alargar-me nas exemplificações, mas apenas ilustrar essa divergência:

- *contribuir com / contribuir para* («directores de estatais costumavam pedir aos fornecedores que contribuíssem com os candidatos oficiais» («Veja», 5.8.98)

- *assistir / assistir a*: «Tu não assiste nada na televisão» (Aragão / Soares, 33)

agradar / agradecer a: *agradar / desagradar* alguém; *agradar* os fregueses

namorar / namorar com: «ela namorou com ele mais ou menos ...» (Aragão / Soares, 3)

brincar a / brincar de:

«Em o *Brasil encantado de Monteiro Lobato*, as crianças vão poder brincar de jogos de fundo de quintal, no Sítio do Pica-Pau Amarelo.» («Correio da Bahia», 24.8.98), «*brincar de bola*» (Aragão / Soares, 19)

solidário (para) com / solidários a: «os religiosos ... são solidários aos sem-terra e sem-teto ...» («Folha de São Paulo», 23.8.989)

a / em: televisão em preto-e-branco (PB), televisão a preto e branco (PE)

de: *precisar de* («Tem aniversário, tem bodas, tem formatura, tem promoção na empresa. Se você precisa presentear alguém, o melhor é um Tissot» (Anúncio, in: «Veja», 2.9.98)

¹⁷ No PE também se verificam fenómenos semelhantes. Contudo, a redução obedece a um critério diferente: como, ao telefone:

- «tálá?»,

- «toussim» / «tôssim»

¹⁸ Em Trás-os-Montes usa-se de modo habitual, na linguagem popular, *botar* no sentido de 'pôr', 'colocar'.

2. 6 Nova forma de passiva

Começa desenhar-se no PB a ocorrência de passivas feitas à imagem do inglês. Este facto encontra-se também no PA: neste último caso, as explicações apontam tanto para a influência do inglês como para influências bantu. Apenas um exemplo:

«Os bancos jogam duro com os clientes. Seis meses após cancelar cheque roubado durante assalto no Rio, um cliente foi comunicado que, para renovar o cancelamento, teria que pagar R#5.» («Correio da Bahia», 24.8.98)

Creio que está a surgir també no uso do PE o mesmo fenómeno, se bem que com menor incidência. É frequente ouvir em pessoas cultas – ou que têm obrigação de o ser – frases como:

«este problema foi respondido prontamente»

em que tanto pode haver uma influência estranha à língua, como pode existir uma analogia com *interrogar*:

«ele foi interrogado (naquele preciso momento)».

2. 7 Pronomes

2. 7. 1 Colocação dos pronomes átonos

São conhecidas as divergências nas duas normas no que concerne a colocação dos pronomes átonos. Apesar de fenómeno repetido, não deixa de ser um facto. Apenas alguns exemplos:

«- Me fala do jogo de ontem» (Aragão / Soares 1996)

«Consta que vai-se instalar em ...» (Aragão / Soares 1996)

«o petista não consegue se mostrar ao eleitor como alternativa confiável de poder» («Época», 3.8.98)

«nós vamos conversar um pouquinho sobre tudo que você ... tudo que você quiser me contar» (Aragão / Soares, 15)

Não deixa de ser curioso o facto de, possivelmente, haver outras divergências na colocação. Encontramos a designação cristalizada «Oriente Médio». Será apenas um facto ocasional, ou um indício?

2. 7. 2 Pronomes usados como complementos

O pronome pessoal na função de objecto directo tem tendência para ser realizado na forma sujeito:

«ele quer ver eu em casa» (Aragão / Soares, 21)

«a mãe botava eu na cama» (Aragão / Soares, 21)

«aí eu fui lá no meu pai chamar elechamei ele..» (Aragão / Soares, 21),

«eu nunca vi ela não» (Aragão / Soares, 28),

«eu chamo ela de tia» (Aragão / Soares, 31)

Trata-se de exemplos do corpus oral de Fortaleza, mas não deixa de ser também um sintoma: mesmo a nível de “media”, há exemplos frequentes, pelo menos nos jornais publicados em Fortaleza.

No pronome pessoal, usado como complemento indirecto, temos de fazer algumas distinções:

-«há uma tendência da fala de Fortaleza para utilização de pronomes tónicos em detrimento dos átonos. É raro encontrarmos formas como *trouxe-me*, *dou-lhes*, etc. Comummente as formas empregadas são *trouxe para mim*, *dou para (pra) vocês*.» (Pereira Lima / Gadelha 1998)

-«Em *dei-lhe um presente* a forma recorrente é *dei um presente para / p'ra ela*, mas quando a referência pronominal é a primeira ou segunda pessoas do singular, há uma tendência para a utilização do pronome *me* em posição proclítica. Assim teríamos *Ele me deu um presente* com maior recorrência do que *Ele deu um presente para mim*. Como já apontamos, o mesmo fenómeno ocorre com a segunda pessoa tu, sendo o pronome tu intercambiável com a forma *você*. Na realidade, dificilmente um falante em situação informal de interação e até mesmo formal utilizaria a forma *para ti*. Na maioria das vezes é a forma *para você* que permuta com *te*.» (Pereira Lima / Gadelha 1996)

-«Outra realização importante é a da forma para gente. Em:

Ele deu-*nos* um presente

Ele *nos* deu um presente

Ele deu um presente *pra nós*

Ele deu um presente *para / pra gente*

É a última realização a mais recorrente em nossa fala» (Pereira Lima / Gadelha 1996). Perguntamo-nos se se trata de fenómeno localizado ou generalizado? Não será a norma do PB?

2. 8 Enfatização

Quer o PE, quer o PB, usam, sem grande parcimónia, dos processos disponíveis da língua para enfatizar, reforçar determinados conteúdos. Também nesse domínio suponho ter encontrado processos próprios do PB. Eis alguns desses processos:

- diminutivo que é comum às duas variantes, mas mais insistente no PB:

«Pode contar como é que foi a *festa todinha*» (Aragão / Soares, 17)

«Aí merendava O *mês todinho*» (Aragão / Soares, 17)

«passava o *dia todinho* no ônibus» (Aragão / Soares, 27)

- negação dupla¹⁹:

«eu *num tenho nem que contar*, porque ... lá é muito bom» (Aragão / Soares, 27)

¹⁹ No falar de Trás-os-Montes ouve-se ainda uma dupla negação, mas esta de carácter nitidamente arcaico:

- Queres ir comigo?

- Não num quero

«eu num vou não» (Aragão / Soares, 30),
«Nessa hora, o público *não quer nem* saber das subtilezas do estilo ou das fligranas do regulamento» («Viaje bem», revista de bordo da VASP, nº 16, 1998)

«*Não é preciso nem dizer* que a maior parte dos acidentes acontece nesta modalidade» («Viaje bem», revista de bordo da VASP, nº 16, 1998)

- reflexivização:
«engraçar-se com alguém / alguma coisa»

- expressões lexicalizadas:

«a coisa tá preta»

na hora: «Um morreu na hora, o outro, no hospital» («Veja», 12.8.98)

estar jeca: «o mundo está muito jeca» («Isto é», 1506, 12.8.98)

pisar na bola: «ele admite que pisou na bola» (fez besteira)

etc.

3 Expressões coloquiais do discurso quotidiano

As gramáticas da língua têm-se retardado a incluir nas suas páginas factos que estão já a ser estudados há algum tempo²⁰. Reporto-me a elementos como partículas modais, partículas conversacionais, marcas discursivas, conectores discursivos, etc. É bem verdade que estes elementos pressupõem um enquadramento teórico que envolve pragmática, análise do discurso, linguística de texto. E este enquadramento necessita de um espaço que não é redutível a um manual de gramática. Mas a própria “gramática da palavra” não deverá incluir já estes elementos? É que estes elementos são muito frequentes em todos os textos, escritos ou orais, extensos ou de pequeno porte. Vejamos alguns desses elementos e o seu alcance para o conhecimento / aprendizagem da norma.

As gramáticas tradicionais incluíram muitas das expressões em questão, ou nas interjeições, ou nas chamadas partículas de realce. Mas ao lado de expressões mais ou menos transparentes, que serão perfeitamente enquadráveis numa conversação normal, como:

- não faz mal, não tem mal, não faz nada

há outras expressões – que são exemplo de partículas conversacionais – encontráveis na despedida numa conversa, como:

- «vou chegar», «estou chegando», «fui», equivalente (no PB) a «ciaio», «tchau»

ou expressões equivalentes às interjeições tradicionais, para mostrar admiração, espanto, distanciamento, etc., como:

Viche!, Viche Maria!, Afe / Afe Maria! (PB)

expressões de interpelação, mostrando concordância, discordância, admiração, dúvida, etc., como:

- né?, «n’era?», «viu?», «isso!», «sabe?»,
- «olha só!», «tadinho!»,
- «sei não», «é não», «não enche o saco sua nega» («Isto é», 1506, 12.8.98),
- bom!, bem! repare! ora bem! veja bem! repare
- «faz favor!», «pois não?»,
- «percebes?», «pronto!», «e pronto»,
- «se calhar», «pode ser» (= ‘talvez’)
- «ena!», «puxa!», «do caraças!», «chiça!»,
- etc.

e expressões que aparecem colocadas na gramática, ou no lugar errado, como «daí», «então», ou no lugar devido mas em agrupamentos que nada explicam, como «pois!», «depois», «em seguida», «absolutamente», etc. Finalmente, elementos que categorialmente se situam num dado lugar da grelha, mas que exercem funções muito diferentes, como:

Ele vem *sempre* atrasado

Ele *sempre* me saiu um marau!

Onde situar na gramática tais expressões? Ignorá-las? Ao dizermos - *Bom!*, - *Ora bem!*, os lexemas não se reportam a ‘bondade’ ou ao “bem” presentes nos respectivos lexemas. etc. Colocá-las como interjeições?

A «gramática da palavra» tem de encontrar um lugar para estas expressões. Apresentei expressões, umas pertencentes à norma do PE, outras à norma do PB, mas todas essas expressões são correntes. E se há factos da língua que estejam dependurados na norma, estas expressões estão bem dependentes da norma.

4 Conclusão: o que ensinar?

4. 1. Ensinar a língua é ensinar o modo como a língua categoriza o mundo extralinguístico, é reduzir a realidade a categorias de conceitos. E o princípio mais elementar manda que nos sirvamos dos figurinos, dos “scripts” que os falantes têm ao seu dispor: coisas e relações entre as coisas. As palavras têm atrás delas os instrumentos que as explicam: elas guiam-nos no percurso através das errâncias do seu significado. Coisas e conteúdos interagem, desde que as coisas sejam usadas através das palavras adequadas.

Cada palavra tem um uso típico, mais saliente e outros usos mais genéricos ou mais específicos. Integrar a palavra no seu uso mais saliente é assim o primeiro caminho.

4. 2. A língua dispõe de modelos de formação verbal: a preferência por afixos, por neologismos lexicais, por empréstimos semânticos, por palavras importadas de outras línguas. Ensinar a língua é colocar o aluno perante esses roteiros mentais e materiais. Os modelos mentais de representação tanto se situam na imitação como na criação. Enfrentar a realidade através da língua é o primeiro passo para ter acesso à língua e à realidade.

²⁰ Luiz Antônio Marcuschi – aliás, o primeiro linguista da área lusófona a interessar-se por estes fenómenos – fez um levantamento crítico do que está subjacente ao conceito de “língua oral” ns manuais escolares de 1º e 2º níveis (1997)

4. 3. A linguagem é fruto de convenções e uma das convenções mais salientes é o que designamos como “figuração” ou linguagem figurada. Esta vertente da língua não é apenas uma criação de poetas: faz parte da própria língua. No ensino, nos manuais, não se reconhece esse papel da “metáfora” na instauração da língua. Não ensinamos esse modo novo e original de categorizar o mundo, que aliás atravessa todo o discurso quotidiano, seja ele oral ou escrito.

4. 4. O universo do que designávamos como “partículas”, hoje desdobrado em partículas modais, partículas conversacionais, conectores discursivos e textuais, anáforas associativas, etc., é outro dos tópicos impostos pela língua. Logo na gramática da palavra há que dar lugar a esses elementos mínimos, mas que dão sabor ao nosso discurso quotidiano.

4. 5. Finalmente, língua escrita, língua oral, não estão tão distantes como pensávamos há alguns anos antes: há apenas recorrências mais frequentes de um ou outro elemento na língua oral, mas a estrutura essencial mantém-se. Haverá razões de fundo para a gramática, os manuais se aterem apenas ao padrão “standard” ignorando completamente os outros padrões? Nos exemplos que apresentei servi-me tanto de um corpus oral como de corpus escrito: a diferença não é assim tão grande. A noção de “correcto” e “incorrecto” tem de ser novamente aferida: o “uso” também tem o seu peso na definição da norma.

Bibliografia

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva / Soares, Maria Elias (orgs.) 1996 – *A Linguagem Falada em Fortaleza. Diálogos entre informantes e documentadores*, Fortaleza: Mestrado em Linguística e Ensino da Língua Portuguesa.
- CACCIARI, Cristina / Glucksberg, Sam 1994 - «Understanding figurative language», in: Morton Ann Gernsbacher (org.) – *Handbook of psycholinguistics*, San Diego: Academic Press, 447-477.
- DAMÁSIO, António R. 1995 – *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*, Mem Martins: Europa América.
- GIBBS, Raymond 1994 - «Figurative thought and figurative language», in: M. A. Gernsbacher (org.) – Op. Cit, 441-445.
- GIVÓN, Talmy 1986 - «Prototypes between Plato and Wittgenstein», in: Craig (org.) – *Noun, Classes and Categorization*, Amsterdã: John Benjamins, 78-102.
- GONÇALVES, José Milton 1995 – *Tira-teimas de Português*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 1995
- HINTIKKA, Jaakko 1994 – *Aspects of metaphor*, Boston: Kluwer Academic Press Publishers.
- JOHNSON, Mark 1987 – *The body in the mind. The bodily basis of meaning. Imagination and Reason*, Chicago: The Univ. Chicago Press.
- KLEIBER, Georges 1990 – *La sémantique du prototype: catégories et sens lexical*, Paris: PUF.
- LAKOFF, Georges 1987 – *Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind*, Chicago: The Univ. of Chicago Press.
- LAKOFF, Georges / Thompson, H. 1977 - «Linguistic Gestalts», in: *Chicago Linguistic Society*, 13, 236-287.
- LAKOFF, Georges / Johnson, Mark 1980 – *Metaphors we live by*, Chicago: The Univ. of Chicago Press.
- LAKOFF, Georges / Norwig, Peter 1987 - «Taking: a study in lexical network theory», in: *Proceedings of the thirteenth annual meeting of the Berkeley Linguistic Society*, 196-206.
- NOGUEIRA DUARTE, Sérgio 1998 – *Língua viva. Uma análise simples e bem-humorada da linguagem do brasileiro*, Rio de Janeiro: Rocco.
- LANGACKER, Ronald W. 1991 – *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*, vol. II, Stanford: Stanford Univ. Press.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio 1997 - «Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º. graus: uma visão crítica», in: *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, 30, 39-79.
- PEREIRA LIMA, Ana Maria / Gadelha, Cibele 1998 – *Análise das categorias de complemento indirecto em uma amostra da linguagem falada em Fortaleza*, Trabalho apresentado no Mestrado “Linguística Portuguesa”, Fortaleza.
- PONTES, Eunice 1990 – *A metáfora*, Campinas: Unicamp.
- PRATA, Mário 1993 – *Dicionário de português. Schifaiçfavoire*, 17ª ed., SP: Globo.
- ROSCH, Eleanor 1973 - «On internal structure of perceptual and semantic categories», in: Moore, T. (org.) – *Cognitive development and the acquisition of language*, New York: Academic Press, 111-144.
- ROSCH, Eleanor 1977 - «Human categorization», in: Warren, N. (org.) – *Studies in cross-cultural psychology*, vol. I, New York, Academic Press. 1-49.
- TALMY, Leonard 1988 - «Force dynamics in language and cognition», in: *Cognitive Science*, 12, 49-100.
- TAYLOR, John 1989 – *Linguistic categorization. Prototypes in linguistic theory*, Oxford: Clarendon Press.
- VILELA, Mário 1994 – *Estudos de lexicologia do português*, Coimbra: Almedina.
- VILELA, Mário 1995 – *Léxico e Gramática*, Coimbra: Almedina.
- VILELA, Mário 1996 – «A metáfora na instauração da linguagem: teoria e aplicação», in: *Revista da Faculdade de Letras da Univ. do Porto: Línguas e Literaturas Modernas*, 13, 317-356.
- VILELA, Mário 1997 - «Do campo lexical à explicação cognitiva: risco e perigo», in: *Diacrítica*, 11, 639-666.